



IDEIAS
na mesa

03

Revista Ideias na Mesa
ISSN 2318-3543
3ª edição – 1º/2014
www.ideiasnamesa.unb.br

ORGÂNICOS

para todos



sumário

2 **capa**

*Orgânicos para todos:
uma realidade viável*

6 **políticas públicas**

*Apoio a produção,
abastecimento e consumo
de alimentos orgânicos
ou de base agroecológica*

10 **entrevista**

*Paulo Petersen
Agroecologia e produção
de orgânicos: desafios e
perspectivas*

12 **boas práticas**

Experiências pelo Brasil

16 **saiba mais**

*Para conhecer mais
os orgânicos*

apresentação

Nas últimas décadas, as políticas públicas de segurança alimentar e nutricional apresentaram grande avanço no Brasil. O crescimento da produção orgânica e de base agroecológica em todo o mundo é uma resposta à demanda da sociedade por produtos mais seguros e saudáveis, originados de relações sociais e comerciais mais justas. O desafio agora está na busca de uma ética que contemple alimentos saudáveis para o ambiente, para quem produz e para quem consome. A produção orgânica e agroecológica está intimamente relacionada à manutenção da biodiversidade, que também é um tema central neste desafio.

Atenta a este debate, a Rede Virtual Ideias na Mesa, como espaço de troca de experiências, dedica a terceira edição da revista à seguinte reflexão: “Orgânicos para todos: é possível?”. Fica aqui o convite para que você conheça mais sobre o assunto participe dessa discussão. Boa leitura!

Arnoldo de Campos

Secretário Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

editorial

O tema agroecologia e os orgânicos chega à terceira edição da revista Ideias na Mesa num momento em que a consciência sobre o que produzimos e, sobretudo, como produzimos e, portanto, o que comemos pulsa em diversos âmbitos da sociedade. Como destacado na Carta Política do III Encontro Nacional de Agroecologia, as respostas a esses questionamentos estão intimamente relacionadas à soberania alimentar dos povos, às relações de poder, à manutenção de uma vida saudável e à preservação da biodiversidade do planeta em que vivemos.

A Rede Ideias na Mesa participa dessa reflexão buscando a palavra de quem vive, estuda e trabalha com o tema. O foco está, principalmente, em quem retira da terra o sustento, vibra e vive a paixão de levar adiante uma herança criada por gerações.

Famílias, comunidades e movimentos vêm trilhando um novo caminho em relação aos sistemas produtivos vigentes. Apesar de complexo, este desafio já apresenta inúmeras conquistas. Com criatividade e parceria entre os saberes tradicional e atual, abrem-se perspectivas para quem produz e para quem consome os alimentos, campo fértil, no qual a Educação Alimentar e Nutricional (EAN), lembrando um dos princípios do Marco de Referência de EAN para as políticas públicas, pode fazer a diferença.

Equipe Ideias na Mesa

MITOS SOBRE NÚMEROS: PRODUZIREMOS O BASTANTE?

Uma preocupação quando o assunto é produção orgânica e de base agroecológica é o previsível aumento da demanda por alimentos, provocado pelo crescimento da população mundial, que deve passar de 7 bilhões de pessoas para 9 bilhões de pessoas até 2015. Esses sistemas de produção vêm ganhando terreno ao documentar experiências e pesquisas que demonstram viabilidade econômica e ambiental.

Estudos de vários países mostram a alta capacidade da produção orgânica. Pesquisadores da Universidade de Essex, na Inglaterra, estudaram 200 projetos agrícolas de países em desenvolvimento e descobriram que a produção dessas áreas aumentou em 93% com o uso de técnicas orgânicas e ecológicas.

Nos Estados Unidos, cientistas da Universidade de Michigan mediram o volume de alimentos produzidos

após adoção, em larga escala, da agricultura orgânica. Foram usados dois modelos para estimar a produção global orgânica, e ambos demonstraram que métodos sem defensivos e de baixo impacto ambiental podem sustentar a população mundial. Num dos modelos de pesquisa, o fornecimento de alimentos orgânicos ultrapassaria, em até 50%, a quantidade de alimentos atualmente produzida.

Embora o número de pesquisas sobre a produtividade orgânica esteja aumentando, muitos cientistas têm optado por não definir a capacidade desse modo de produção de atender às demandas mundiais de alimentos, principalmente, porque são grandes os desafios para uma mudança global e porque não há como prever como isso poderia ocorrer. Ao mesmo tempo, observam que os benefícios da agricultura orgânica são uma realidade.

● Palavra de consumidor

A Rede Ecológica é um movimento social de fomento ao consumo ético, solidário e ecológico fundado em 2001. Ela é formada por 150 famílias de consumidores que fazem compras coletivas de pequenos produtores agroecológicos e orgânicos no estado do Rio de Janeiro. Para participar, é preciso dedicar trabalho voluntário e pagar uma mensalidade de R\$ 60. As vantagens compensam, como conta a cientista social Bibi Cintrão, 49 anos, que participa do núcleo do bairro de Santa Tereza desde 2002. "Para mim, vale muito a pena. Apesar de ter que complementar, consigo fazer até 80% das minhas compras pela Rede, e por meio dela, tenho acesso a produtos que não estão nos supermercados, como massa de cacau, queijo da Serra da Canastra, ora-pro-nóbis...".

Os pedidos dos associados à Rede Ecológica são feitos pela internet e entregues aos 12 núcleos existentes. As entregas ocorrem uma vez por semana, no caso de produtos frescos, e uma vez por mês, no caso dos secos: é como um mercadinho

particular. Uma das regras é pagar um preço justo aos produtores. "O preço dos produtos não é tão caro quanto o dos orgânicos em supermercados ou feiras e, em alguns casos, o valor é igual ou até inferior ao dos convencionais. Essa é uma rede orgânica e de economia solidária: fugimos dos supermercados, criamos um caminho alternativo em contato direto com os produtores e damos apoio a eles", esclarece Bibi.

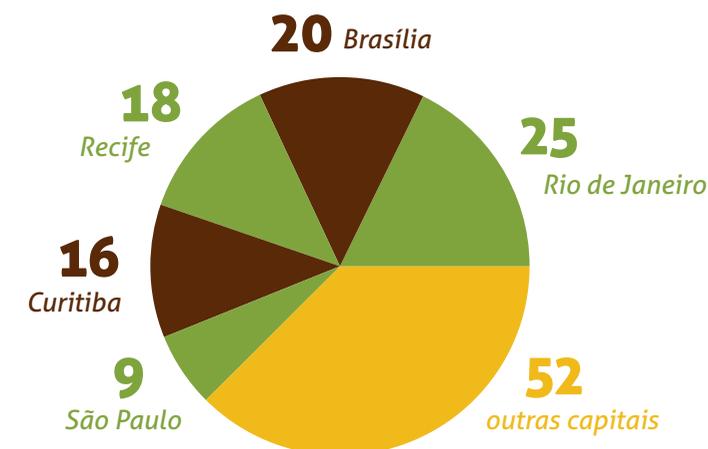
O movimento possibilita a aproximação entre produtores e consumidores, já que as compras só são feitas de agricultores conhecidos e com produtos confiáveis, dando preferência para os que ficam mais perto, para os que são de assentamentos da reforma agrária ou de grupos organizados. A Rede Ecológica se posiciona não apenas como um grupo de consumidores, mas também como movimento social, que cria uma relação de confiança com os produtores e presta ajuda, por exemplo, na compra de sementes e na certificação de produto orgânico. Para saber mais, acesse o site redeecologicario.org.

PREÇO JUSTO EM FEIRAS

Uma das questões centrais quando pensamos em alimentos orgânicos para todos é o preço, geralmente, considerado mais caro que o de produções convencionais. Julian Perez, integrante do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, observa que o custo dos alimentos orgânicos é pressionado pela logística de transporte, de beneficiamento (agroindustrialização) e de produção em volumes pequenos. "Muitas empresas de varejo visualizam no mercado de orgânicos um importante nicho, porque existem pessoas dispostas a pagar mais caro por um alimento de qualidade", afirma.

Um levantamento realizado, em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) identificou supermercados onde a comercialização de orgânicos tinha margem de lucro de até 463%. Segundo Perez, uma solução para esse problema é a ampliação de políticas públicas de fomento à produção agroecológica, pois, quanto mais produtores, maior a possibilidade de redução dos preços. Outra saída é aumentar o estímulo ao surgimento de feiras e mercados populares, criando um circuito menor entre o agricultor e o consumidor. "Sem dúvida, essa é uma maneira de tornar os preços mais acessíveis para o consumidor", garante.

140 feiras orgânicas e agroecológicas nas capitais



Conheça a localidade de todas as feiras em www.idec.org.br/feirasorganicas

● Alerta sobre os agrotóxicos

Uma das principais preocupações das autoridades de saúde pública é o aumento do uso de agrotóxicos na agricultura e as consequências para a saúde humana e o ambiente. Culturas geneticamente modificadas, como soja e milho, foram introduzidas no Brasil há 10 anos com a promessa de serem mais resistentes a pragas e de oferecerem melhor rentabilidade, além de reduzirem o uso de agrotóxicos nas lavouras.

Ao contrário do que se esperava, hoje, o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) mostram que, enquanto a venda de agrotóxicos mundial aumentou 93% nesse período, a comercialização de defensivos teve crescimento de 190% em território brasileiro. Segundo levanta-

mento da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), feito entre 2002 e 2011, a área plantada no Brasil aumentou cerca de 30%, e o uso de defensivos cresceu 42%.

O aumento do uso de defensivos no país vem chamando a atenção entidades como o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea), que promove debates sobre as controvérsias envolvendo defensivos; e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que fez um alerta sobre os riscos das recentes mudanças na legislação que regula o uso desses produtos, que permitiriam o registro temporário de defensivos, em casos considerados emergenciais, sem avaliação prévia dos setores reguladores da saúde e do ambiente.

Apoio a produção, abastecimento e consumo de alimentos orgânicos ou de base agroecológica

CAMPANHA BRASIL ORGÂNICO E SUSTENTÁVEL

A campanha Brasil Orgânico e Sustentável quer promover a alimentação adequada e saudável e induzir relações favoráveis de mercado, em que os produtos da agricultura familiar, os orgânicos, os com indicação geográfica e os de comércio justo sejam valorizados e ofertados nas 12 cidades sedes da Copa de 2014. Para isso, foi definida uma estratégia para sensibilizar e estimular os consumidores finais a buscarem esses produtos.

Este ano, o foco da campanha é a Copa do Mundo de 2014. Os produtos selecionados pelo Brasil Orgânico e Sustentável – sucos, castanhas do Brasil, de baru, mel, barras de cereal, biscoitos integrais, sequilhos e frutas desidratadas – estarão em kits que serão distribuídos para os voluntários que participam do programa Brasil Voluntário.

Entre os dias 11 e 27 de junho, 60 empreendimentos, também selecionados pela campanha, vão comercializar os produtos em quiosques localizados em 10 das 12 cidades sedes do mundial: Brasília, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

A intenção é aproveitar o megaevento mundial para promover a produção e o consumo destes produtos. Entretanto, as ações não terminam quando o Mundial acabar, mas seguem com sua estratégia, de olho nos legados: uma cadeia produtiva cada vez mais estruturada e consumidores que demandam por alimentos saudáveis e adequados.



Os quiosques da campanha estarão em 10 das 12 cidades sedes do Mundial.

Reconheça os orgânicos

Estes são os selos que identificam a produção orgânica e da agricultura familiar no Brasil.



AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA

Para apoiar os processos indutores da transição agroecológica e da produção orgânica e de base ecológica, o governo brasileiro instituiu, em 2012, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo). Construída em diálogo com os movimentos sociais do campo, da cidade e da floresta, a Pnapo tem como instrumento o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo). Organizado em quatro eixos (produção, uso e conservação dos recursos naturais, conhecimento, comercialização e consumo), o Plano reúne programas e ações com previsão orçamentária a serem realizados até 2015.



Conheça a página da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no Facebook intitulada **Agro Sustentável**, que tem por objetivo compartilhar informações sobre tecnologias sustentáveis para o campo e conta com mais de 48 mil seguidores: www.facebook.com/agrosustentavel.

SEMANA DOS ALIMENTOS ORGÂNICOS

Organizada por órgãos governamentais, a Semana é celebrada desde 2005, sempre na última semana de maio, como forma de incentivar a produção e o consumo de alimentos orgânicos. São realizados diversos eventos de incentivo ao consumo responsável, em que são disseminados benefícios ambientais, sociais e de saúde advindos do consumo desses alimentos. Em 2013, foram mais de 180 cursos, seminários, feiras e oficinas, além da degustação de produtos orgânicos. O tema em 2014 será "Cuidar da terra, alimentar a saúde, cultivar o futuro". Mais informações no site www.agricultura.gov.br.

INCENTIVO À PRODUÇÃO

O financiamento de custeio e investimento para a produção agropecuária é realizado por meio de dois instrumentos principais: o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Plano Agrícola. Em ambos, existem recortes direcionados ao apoio a sistemas de produção orgânica e de base agroecológica, de forma a estimular a adoção, a transição agroecológica e a conversão para sistemas orgânicos. Acesse a seção de programas do site portal.mda.gov.br.

INCENTIVO À AGROINDUSTRIALIZAÇÃO

O Programa de Agroindústria do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) apoia a inclusão dos agricultores familiares no processo de agroindustrialização e comercialização da sua produção, de modo a agregar valor, gerar renda e oportunidades de trabalho no meio rural, garantindo a melhoria das condições de vida das populações beneficiadas direta e indiretamente pelo programa. Podem participar agricultores familiares, pessoas físicas e jurídicas formadas por, no mínimo, 90% destes agricultores e com, no mínimo, 70% da matéria-prima própria. Mais informações na seção de programas do site portal.mda.gov.br.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

Desde 2003, a temática de agroecologia foi incorporada nos princípios, diretrizes e objetivos da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater). Novos conceitos e diretrizes vêm sendo integrados a Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), direcionando seu foco para a agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável.



CERTIFICAÇÃO: GARANTIA DE QUALIDADE DO PRODUTO ORGÂNICO

Em 2013, houve um aumento de 22%, em relação ao ano anterior, no número de registros no Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. O Brasil conta hoje com 6.719 produtores orgânicos e 10.064 unidades produtivas que trabalham segundo as diretrizes dos sistemas orgânicos de produção. Entre as metas do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo), está o aumento do número de unidades de produção controladas. A meta é chegar a 28 mil até 2015.

Hoje, a qualidade dos produtos é garantida de três diferentes maneiras: pela Certificação por Auditoria, pelos sistemas participativos de garantia que formam o Sistema Brasileiro da Avaliação da Conformidade Orgânica (SisOrg) e pelo controle social para venda direta ao consumidor por agricultores familiares. O país conta com oito certificadoras por auditoria, 13 Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade Orgânica (Opac) e 163 Organizações de Controle Social (OCS).

Tipos de certificação

> Certificadoras por auditoria

Empresas públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, que realizam auditorias e inspeções nos processos produtivos.

> Organizações de Controle Social (OCS)

São estabelecidas pela participação direta de um grupo de pessoas, reconhecido pela sociedade, em ações coletivas para avaliar a conformidade dos fornecedores aos regulamentos técnicos da produção orgânica.

> Organismos Participativos de

Avaliação da Conformidade (Opac)

Realizam a avaliação da conformidade com a troca de experiências entre os participantes do sistema e a orientação dos fornecedores.



A publicação **O olho do consumidor**, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ajuda as pessoas a identificarem os alimentos orgânicos. Confira na biblioteca do site www.ideiasnamesa.unb.br.

PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) adquiriu mais de R\$ 600 milhões em produtos da agricultura familiar em 2011 e em 2012. Quanto à participação dos alimentos orgânicos e agroecológicos, foi realizada uma primeira pesquisa em nível nacional, em 2012, sobre a inclusão de produtos orgânicos nos cardápios. Foram pesquisados 5 mil municípios sendo que 30% dos cardápios continham alimentos orgânicos.



ORGÂNICOS NA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR: A AGRICULTURA FAMILIAR ALIMENTANDO O SABER

Material elaborado por meio de parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Ministério da Educação, que visa incentivar a oferta de alimentos orgânicos na alimentação escolar e mostrar como a agricultura familiar pode contribuir para adoção de hábitos saudáveis entre milhares de estudantes do país.



O documento completo está disponível para consulta na biblioteca do site www.ideiasnamesa.unb.br.

PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

A novidade do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) é a modalidade Compra Institucional, instituída pelo Decreto nº 7.775/2012, que permite aos estados, municípios e órgãos federais comprar alimentos da agricultura familiar por meio de chamadas públicas. É importante salientar que essas instituições já fazem a compra de alimentos de grandes indústrias de alimentos. Na maior parte das vezes, são alimentos processados com alto teor de açúcar, sal e gordura. Essa modalidade permite que essas entidades tenham acesso à grande variedade de produtos que hoje são adquiridos pelo PAA, inclusive alimentos orgânicos. Para saber mais acesse a área de segurança alimentar do site www.mds.gov.br.

O PAA aplicou, entre 2009 e 2012, R\$ 32,5 milhões na aquisição de produtos orgânicos e agroecológicos por meio das modalidades operadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com incremento médio anual das aquisições em torno de 0,4% ao ano. As mulheres participam ativamente do PAA. Em 2012, elas representaram 35% do total de contratos efetivados.

Ano Internacional da Agricultura Familiar Camponesa e Indígena



Saiba mais sobre o Ano Internacional da Agricultura Familiar Camponesa e Indígena em www.iaif2014.gov.br.

No ano de 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU) celebra o Ano Internacional da Agricultura Familiar Camponesa e Indígena com objetivo de aumentar a visibilidade da agricultura de pequena escala. A intenção é destacar o importante papel que os agricultores têm na produção de alimentos saudáveis e no desenvolvimento sustentável, especialmente, pela adoção de práticas agroecológicas e produção de orgânicos. Inspirados nesse tema, estão sendo realizados vários seminários, feiras pelo mundo. Um bom exemplo é a feira anual BioFach, que este ano ocorreu em Nuremberg, na Alemanha entre 12 e 15 de fevereiro, com a exibição de vídeos sobre experiências de agricultores familiares brasileiros.



Foto: Arquivo pessoal

Paulo Petersen

Agroecologia e produção de orgânicos: desafios e perspectivas

Para Paulo Petersen, membro da diretoria da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) e coordenador-executivo da Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), a produção de orgânicos não precisa ser mais cara do que a convencional. Ele acredita que é próprio da agricultura familiar camponesa produzir em quantidade, qualidade e diversidade. Se desenvolvida a partir do enfoque da agroecologia, ela assegurará produção suficiente para atender às necessidades de uma população mundial crescente sem o uso de produtos químicos, sem provocar danos ambientais, além de gerar trabalho digno e distribuir renda no mundo rural. Confira.



Ideias na Mesa: *Como a integração de conhecimentos das práticas agroecológicas contribui para obter produtos mais saudáveis e sustentáveis?*

Paulo Petersen: A agroecologia procura não só aproximar a agricultura e a natureza, como também aproximar a produção e o consumo para que o alimento e o ambiente se tornem mais saudáveis. A construção do conhecimento agroecológico se faz a partir da interação entre saberes científicos e sabedorias populares. A agricultura industrial, porém, desvaloriza os conhecimentos locais e se baseia unicamente na ciência institucionalizada, cujos rumos estão cada vez mais influenciados pelos interesses de transnacionais que se beneficiam economicamente desse modelo industrial de produção e consumo alimentar. Há três graves consequências decorrentes desse modelo: em primeiro lugar, a contaminação de alimentos por agrotóxicos e fertilizantes que são desnecessários, pois é tecnicamente possível produzir em quantidade, qualidade e diversidade, sem o emprego desses insumos; em segundo lugar, a padronização da dieta alimentar em função da disseminação das monoculturas que, ademais, provocam desequilíbrios ambientais e, como consequência, a dependência de insumos químicos; e, em terceiro, a queda da qualidade dos alimentos resulta do distanciamento, no espaço e no tempo, entre a produção e o consumo, o que leva à necessidade de processamento industrial e emprego de conservantes e refrigeração para que os alimentos sejam conservados. Combinados, esses fatores criam um círculo vicioso degradativo entre a saúde ambiental e a saúde humana.

IM: *A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura declarou 2014 como Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF). Nesse sentido, qual o papel da agricultura familiar na melhoria da qualidade dos alimentos?*

PP: Ser humano e natureza interagindo e trabalhando juntos, essa é a ideia-chave da agricultura familiar camponesa. Ela exerce funções importantíssimas dos pontos de vista social, cultural, econômico e ambiental. Ou seja: ela não apenas cumpre o essencial papel de produzir, mas atua também em outras questões de interesse social: conserva o meio ambiente e as culturas locais, gera empregos dignos e estáveis e produz riqueza que é melhor compartilhada, quando comparada com as regiões dominadas pelas monoculturas do agronegócio... É o modo de produção camponês aquele que faz com que a agricultura familiar cumpra com essas múltiplas funções. Mas ela pode também ser induzida a trabalhar segundo o modo empresarial, ou seja, organizar o seu trabalho unicamente pela lógica dos mercados e pela perspectiva produtivista, o que faz com que a agricultura seja reduzida a um simples agronegócio. Sem dúvida, o Ano Internacional da Agricultura Familiar é uma grande conquista política. Mas não basta fazer um reconhecimento genérico do papel e da importância da agricultura familiar para as sociedades contemporâneas. O AIAF deve ser uma oportunidade política para a defesa da autonomia da agricultura familiar em relação às grandes corporações do sistema agroalimentar.

IM: *Quais os desafios enfrentados pelo modelo agroecológico e pela agricultura orgânica frente à necessidade de produção de alimentos de qualidade em larga escala?*

PP: Penso que um desafio central está na esfera das políticas de Estado. O Estado sofre crescente influência dos interesses corporativos e molda suas políticas para atender a esses interesses. Não será possível promover avanços em escala da agroecologia, enquanto a agricultura industrial continuar recebendo subsídios públicos de forma direta e indireta. Por exemplo: crédito farto, crescente e facilitado é uma condição determinante para a continuidade da expansão desse sistema dominante. Essa expansão se faz sobre os espaços ocupados pela agricultura familiar camponesa.

sa. Trata-se, portanto, de uma disputa por territórios entre projetos antagônicos. O avanço do agronegócio inviabiliza a emergência, a consolidação e a irradiação da proposta agroecológica. A retórica da possibilidade de convivência entre os dois modelos é uma falácia muito conveniente aos setores que dominam o jogo político-ideológico. Nesse sentido, o fortalecimento de movimentos sociais em defesa da democratização e da sustentabilidade dos sistemas agroalimentares e do consumo responsável é uma condição essencial para o avanço da agroecologia.

IM: *O preço elevado e a dificuldade de produção em larga escala são críticas comumente direcionadas aos orgânicos. Essa é uma realidade imutável?*

PP: Existe o mito de que o produto orgânico é, necessariamente, mais caro. Mercados locais e feiras agroecológicas que se disseminam pelo Brasil afora desmentem isso. Mas é verdade que, numa gôndola de supermercado, o custo dos orgânicos é altíssimo. Isso não tem a ver com o custo da produção orgânica e sim com o sistema de distribuição dominado por grandes corporações do setor do varejo alimentar. Essa concentração corporativa favorece a criação dos chamados mercados de nicho, nos quais poucos produtores produzem para poucos consumidores dispostos a pagar um sobrepreço. A estratégia para baratear os custos para o consumidor é aproximá-lo

do produtor. A revitalização das feiras locais, sobretudo aquelas em que os próprios produtores são os feirantes, pode ser um caminho para isso. Ao acessar esse tipo de mercado, a agricultura camponesa pode produzir alimentos orgânicos de forma mais barata que a convencional já que não depende do uso de insumos químicos e nem da contratação de serviços de terceiros. Do ponto de vista normativo, o que define a qualidade orgânica de um alimento é o atendimento de certas regras técnicas de produção e não as relações sociais construídas nos sistemas agroalimentares. Por isso, a produção dos orgânicos pode ser dominada pelo setor do agronegócio. Nesse sentido, se de fato queremos reorientar os rumos da agricultura e da alimentação com base nos preceitos da agroecologia, parece-me um equívoco a aposta nos supermercados e em outros mecanismos de distribuição alimentar controlados por grandes corporações.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆
“Não é possível promover o avanço da agroecologia, enquanto a agricultura industrial continuar recebendo subsídios de políticas públicas”
 ◆ ◆ ◆ ◆ ◆



Plantação de café orgânico em Araponga – MG

Foto cedida pelo projeto

O café da Zona da Mata mineira

Os anos 1990 definiram a vida dos agricultores de Araponga (MG), onde eles correspondem a 68% da população de 9 mil habitantes. Apoiados por movimentos sociais e por alunos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), os agricultores da região da Zona da Mata mineira começaram a resgatar antigas práticas agrícolas e a experimentar tecnologias sustentáveis. O plantio de café é uma das atividades econômicas mais importantes para os agricultores familiares da região.

Após longo processo de troca de saberes tradicionais, a maioria dos produtores optou pela agricultura de base orgânica. Sem uso de agrotóxicos, o solo melhorou e, ao final da década de 1990, os resultados começaram a aparecer. “Nós descobrimos que o café sem agrotóxico tinha um mercado específico, e começamos a buscar a certificação”, explica o secretário municipal de Agricultura de Araponga, Romualdo José de Macedo, que também é agricultor.

Um dos passos decisivos para o sucesso da empreitada foi a criação do Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) da Zona da Mata, que oferece apoio aos agricultores. Foram realizados seminários e foram identificadas algumas certificadoras. Ao fim, optaram pela BCS Öko-Garantie, entidade internacional que realiza inspeção anual nas propriedades.

Hoje, 20 dos 120 agricultores da região têm o selo de produção orgânica total e são sócios da Cooperativa Agropecuária dos Produtores Orgânicos de Nova Resende e Região (Coopervitae), que garante vendas para países europeus como Bélgica e Alemanha. Cada propriedade produz entre 25 e 35 sacas de café por ano, e, no total, o grupo vende entre 350 e 400 sacas anualmente. Segundo Romualdo Macedo, alguns produtores colhem acima da média nacional que é de 35 sacas de café por hectare. “Chegam a colher de 80 a 85 sacas”, conta.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆
20
 dos 120 agricultores da região têm o selo de produção orgânica total
 ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Os agricultores de Araponga cultivam também mandioca, cana, batata, inhame, frutas e hortaliças juntamente com o café, o que garante renda mensal familiar entre R\$ 1,8 mil e R\$ 2 mil. Além de comercializarem no Mercado do Agricultor Familiar da cidade, entregam, há seis anos, produtos a 11

escolas rurais e a duas urbanas, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar.

“Araponga prova que a produção orgânica é viável para o pequeno agricultor”, afirma Romualdo de Macedo, que aponta também a necessidade de maior investimento do governo em políticas públicas específicas. “Os produtores grandes têm muito mais acesso a crédito. Quando o pequeno vai buscar recurso no banco, a burocracia é tão grande que ele desiste”, compara.

Sementes do bem

Uma vez um companheiro nosso disse: ‘eu amo as minhas sementes, elas são a minha paixão’. A partir desse dia, começamos a chamá-las assim”, conta Euzébio Calvalcanti de Albuquerque, agricultor de Remígio (PB), região onde as sementes nativas têm importância crucial. Na cultura popular, são chamadas de sementes crioulas, de sementes da vida, de sementes da fartura, dentre outros nomes. Elas carregam um patrimônio genético desenvolvido ao longo de milênios da história da agricultura.

A semente, que antes era fruto dos processos de seleção natural moldado pelas necessidades do homem, acabou por virar mercadoria de altíssimo valor com o advento da industrialização da agricultura na segunda metade do século 20. Antigas variedades vêm sendo substituídas por outras espécies híbridas – que resultam do cruzamento de outras –, ou transgênicas. Resistindo a essa realidade, redes agroecológicas vêm apoiando produtores orgânicos no resgate da produção e estocagem de sementes.

Um dos projetos é desenvolvido na Paraíba, onde mais de 300 variedades de milho, de feijão, de fava, de mandioca, de girassol e de amendoim foram resgatadas com o apoio da Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB). As sementes podem ser encontradas em 288 bancos comunitários de sementes, mantidos por mais de 6 mil famílias de 63 municípios.

“Na verdade, não ensinamos ninguém a plantar. Isso é algo que eles trazem do berço”, explica o agrônomo Emanuel Dias, da assessoria de Projetos de Agricultura Alternativa da Associação Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), uma das parceiras da ASA-PB. Segundo ele, o cultivo das sementes tradicionais tem permitido a manutenção da biodiversidade e contribuído para a segurança alimentar das populações locais. As sementes que vinham de outras regiões, não adaptadas ao clima local, misturavam-se às nativas, provocando perdas nas colheitas. Uma das vantagens das sementes da paixão é o fato de serem perfeitamente adaptadas ao regime de chuvas do semiárido, o que permite uma safra mais sustentável para a comunidade.

Periodicamente, os agricultores locais realizam feiras e festas onde expõe seus produtos e realizam troca de sementes e de conhecimentos sobre o cultivo dos grãos. O intercâmbio de saberes trouxe mudanças

Foto cedida pelo projeto



Zé Pequeno criou o primeiro banco de sementes de São Tomé – PB

importantes, como a interrupção de uso de veneno durante a armazenagem das sementes para evitar pragas. “Nós descobrimos que armazenando as sementes com casca de laranja ou com pimenta funciona do mesmo jeito”, exemplifica Euzébio. “Elas são o nosso chão, o nosso patrimônio, porque elas são do nosso conhecimento”, explica José de Oliveira Luna. Agricultor de São Tomé, Zé Pequeno, como é conhecido, é hoje um dos gestores dos cerca de 80 bancos comunitários de sementes do Polo da Borborema, que agrega 16 municípios paraibanos.

Zé Pequeno criou o primeiro banco de sementes da região em 1974, inspirado pelo pai, José Inácio, que sempre manteve silos de sementes crioulas para socorrer os 11 filhos agricultores e também os vizinhos durante os longos períodos de estiagem. Hoje, 61 famílias são associadas ao banco comunitário de sementes criado por ele. Quando se associa ao banco, o agricultor pega emprestado 10 quilos de sementes e paga 15:5 a mais para contribuir com o crescimento do banco. Aos poucos, pode pegar uma quantidade e uma variedade maior de sementes, até atingir a sua meta de cultivo. A boa notícia é que bancos de sementes familiares também vêm aumentando, e hoje, já ultrapassam, em números, os bancos comunitários. “A semente, na vida do agricultor, é nosso sangue. A semente, em casa, é fundamental para fazer uma agricultura sustentável. Nós plantamos a diversidade”, finaliza Zé Pequeno.

Para conhecer mais os orgânicos

O QUE ACESSAR

- > **Projeto Favela Orgânica ajuda a criar hortas em favelas cariocas:**
www.favelaorganica.com
- > **Referência sobre orgânicos, preservação e sustentabilidade na web:**
www.portalorganico.com.br
- > **Portal da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA):**
www.agroecologia.org.br
- > **Site da Associação Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA):**
www.aspta.org.br
- > **Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida:**
www.contraosagrototoxicos.org
- > **Página Agro Sustentável que compartilha informações sobre tecnologias sustentáveis para o campo:**
www.agrosustentavel.com.br
- > **Carta Política do III Encontro Nacional de Agroecologia:**
www.enagroecologia.org.br (seção notícias)

O QUE ASSISTIR

- > **Sementes e histórias:** Vídeo do projeto Curta Agroecologia, produzido pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), dá visibilidade à preservação das sementes crioulas no centro-sul do Paraná:
aspta.org.br/category/videos
- > **Coragem é um dom:** No cenário do semiárido denso de Remanso (BA), mostra a vida de dona Gracinha e sua família vivendo com dignidade num contexto que, em outras épocas, seria uma tragédia social.
vimeo.com/80371915
- > **Messageiros da agrofloresta:** Registro da visita dos participantes do curso Agrofloresta Sucessional na Recuperação de Áreas Alteradas, no Vale do Ribeira (SP). Técnico, pesquisador e agricultores partilham seus saberes:
vimeo.com/87903837
- > **O veneno está na mesa:** Documentário produzido por Silvío Tendler que trata do domínio do uso e do consumo de agrotóxicos no Brasil. Disponível na biblioteca do site
www.ideiasnamesa.unb.br
- > **Brasil orgânico:** O filme revela histórias de pessoas que têm na produção orgânica uma forte convicção de vida. Disponível na biblioteca do site
www.ideiasnamesa.unb.br

O QUE LER

- > **Alimentos orgânicos: ampliando conceitos de saúde humana, ambiental e social**
De autoria da nutricionista Elaine Azevedo, um dos mais completos livros sobre o tema explica as questões que envolvem uma alimentação saudável.
Editora Senac São Paulo, 388 páginas, R\$ 59.

- > **Caderno de experiências agroecológicas: Caminhos agroecológicos do Rio de Janeiro**
Produzido pela Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, faz uma reinterpretação do papel e do lugar da perspectiva agroecológica na agricultura fluminense.
Disponível em PDF no site aarj.wordpress.com.

A Revista *Ideias na Mesa* é uma publicação periódica resultado da parceria entre o Observatório de Políticas de Segurança Alimentar e Nutrição da Universidade de Brasília (Opsan/UnB) e a Coordenação Geral de Educação Alimentar e Nutricional da Secretaria de Segurança Alimentar e Nutricional do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (CGEAN/ SESAN/MDS). Sua distribuição é gratuita.

- ◆ Conselho editorial
- ◆ Elisabetta Recine e Janine Giuberti Coutinho
- ◆ Redação e edição
- ◆ Conchita Rocha (Reg.DRT 4609/87)
- ◆ Assistência editorial e pesquisa
- ◆ Luisete Bandeira, Luiza Torquato,
- ◆ Maina Pereira, Carolina Chagas,
- ◆ Laura Souza e Clarita Rickli

- ◆ Revisão
- ◆ Ana Paula Lisboa
- ◆ Projeto gráfico, diagramação e fotografia
- ◆ Estúdio Marujo
- ◆ Contatos
- ◆ Rede Virtual: www.ideiasnamesa.unb.br
- ◆ E-mail: ideiasnamesa@unb.br



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome